

**Dalila Cabrita Mateus, A Luta pela Independência — A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC**, Editorial Inquérito, 1999, 299 páginas + [16] páginas ilustradas.

A reconstituição histórica do processo de formação das elites que estiveram na origem dos movimentos de libertação nos territórios africanos sob colonização portuguesa constitui o objecto central desta dissertação de mestrado em História Social Contemporânea, concluída no ISCTE em 1998.

Num percurso referenciado à temporalidade da presença colonial portuguesa na África do século xx, a autora estrutura a sua análise em três momentos de reflexão essenciais: a política de assimilação do regime colonial e seu impacto sobre a formação das elites africanas (cap. 1); o impacto do contexto urbano das colónias na criação dos movimentos independentistas (cap. 2); finalmente, a formação das elites africanas em Portugal e a importância das influências externas na sua orientação ideológica e no apoio político militar às guerras de libertação (caps. 3 e 4).

É certo que a natureza e impacto da política de assimilação prosseguida por Portugal nos diferentes espaços de colonização, matéria que nas suas múltiplas vertentes o texto revisita cuidadosamente, constitui um elemento essencial para a compreensão do processo de formação das elites africanas.

Não menos relevantes para clarificação desta questão são ainda as dinâmicas de apropriação pelas sociedades africanas destas influências, destas condicionantes civilizacionais impostas pela colonização. É no sentido deste questionamento, muito menos acautelado pela historiografia recente, que Dalila Cabrita Mateus se interroga sobre o papel das elites urbanas e crioulas na criação dos movimentos de libertação. Ainda que aqui a pertinência da intervenção não resolva, no nosso entender, um assinalável desequilíbrio na atenção que é dada aos diferentes contextos urbanos em análise.

Finalmente, o que consideramos ser a parte mais solidamente construída deste trabalho constitui o conteúdo do terceiro e quatro capítulos acima assinalados. Trata-se de um discurso bem estruturado e fundamentado em que, para além da utilização de uma vasta bibliografia, o acesso a fontes primárias originais, quer escritas, como é o caso da pesquisa realizada nos arquivos da PIDE/DGS, quer orais, permite situar, de forma inovadora, a acção dos protagonistas dos movimentos de libertação no contexto do seu tempo.

Sem dúvida que a principal intenção desta obra é a de privilegiar um enfoque afrocentrista na problematização da questão colonial e da luta de libertação em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. O que não invalida a pertinência das interrogações que suscita sobre a influência dos factores externos na manutenção da guerra colonial em África. De facto,

Portugal não assistiu «orgulhosamente só» ao fim do seu império colonial.

JOANA PEREIRA LEITE

*Narciso Raimundo, ARA — Acção Revolucionária Armada: a História Secreta do Braço Armado do PCP*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, 409 páginas.

*Jaime Serra, As Explosões Que Abalaram o Fascismo*, Lisboa, Editorial Avante!, 1999, 143 páginas.

Ambos os autores destes livros foram membros do comando central de três elementos da Acção Revolucionária Armada (ARA), o braço armado do Partido Comunista Português (PCP). Se bem que o partido tenha decidido criar a ARA em 1964 nos moldes de uma organização armada semiautónoma, esta só entraria em actividade no início da década de 70, após muita preparação e repressão policial, considerável debate e alguma hesitação por parte da liderança do PCP. Em 1964, o partido enviou dois militantes — Raimundo Narciso e Rogério de Carvalho — a Moscovo e a Cuba para receberem treino militar. De todos os indivíduos inicialmente envolvidos, apenas dois

(Raimundo Narciso e António Pedro Ferreira) estavam ainda presentes na altura em que a ARA entrou em acção, em 1970.

Não há dúvidas de que Narciso escreveu o melhor dos dois livros, uma narrativa autobiográfica sobre a evolução da ARA. Em vez de nos apresentar a descrição analítica, histórica e sistemática de um académico, sustentada por meticolosas notações, Narciso oferece-nos uma memória apaixonada dos acontecimentos e emoções que rodearam o período da ARA. O autor ilustra com especial eficácia o compromisso poético de um indivíduo com a causa da ARA. Apresenta não apenas as motivações e princípios políticos que serviram de base à criação da organização e o modo como esta escolhia os seus alvos de ataque, como também as questões mais técnicas ligadas aos dispositivos de detonação e ao fabrico de bombas. Além disso, Narciso oferece-nos um retrato literário dos principais actores da ARA (por exemplo, Francisco Miguel Duarte, Ângelo Matos Mendes Veloso e Jaime dos Santos Serra), afastando-se da descrição acrítica e oficial da ARA e do PCP que Jaime Serra nos apresenta. Narciso, um crítico de longa data do comunismo ortodoxo e da rejeição da renovação por parte do partido, apresenta criticamente os defeitos e erros do PCP. Uma das principais falhas do livro é a tendência do autor para os saltos no tempo, tornando difícil ao leitor seguir cronologicamente a sua narrativa.

Narciso fornece-nos uma preciosa descrição da vida clandestina e conspi-